

NAS TRAMAS DAS NOITES

*Christiane Damien Codenhoto**

Resumo: Este artigo apresenta uma abordagem geral sobre o percurso do livro *As mil e uma noites*, desde sua origem controversa e seus manuscritos até suas traduções e recepção no mundo ocidental.

Palavras-chave: *As mil e uma noites*, Galland, literatura árabe, Chahrazád, Islã.

Abstract: This article presents a general approach about the trajectory of the book *The Thousand and One Nights*, since its controversial origin and its manuscripts, until its translations and reception by the western world.

Key words: *The Thousand and One Nights*, Galland, Arab literature, Shahrazád, Islam.

As Mil e Uma Noites. Um dos títulos mais belos do mundo, segundo Jorge Luis Borges. O número mil nos remete, imediatamente, à imagem do inesgotável, inexaurível. Talvez, seja essa a sua encantadora beleza: um livro que nos conduz ao infinito, a um tempo desprovido de limites. Histórias tecidas, cuidadosamente, todas as noites e, em cada uma delas, a singular elaboração que vislumbra a sua terna permanência naquele que nelas se aventura.

Do ponto de vista dos estudiosos, o título remete à influência da expressão de origem turca *bin bir*, que significa “mil e uma”, utilizada para indicar uma grande quantidade. E, realmente, um dos traços mais marcantes das narrativas mileumanoitescas reside no próprio sentido e atmosfera do título da obra, ao pensarmos na diversidade de textos de um livro que, na verdade, não possui uma única redação. Assim, o tempo nos legou uma série de manuscritos que diferem entre si quanto ao número, diversidade e variantes das mesmas histórias. Zotenberg, orientalista que introduziu os estudos dos manuscritos de *As Mil e Uma Noites*, classificou-os em três grupos. O primeiro, denominado *Família A*⁻, é composto de manuscritos oriundos de países muçulmanos da Ásia, os quais formam o grupo oriental e são considerados os mais antigos. Os demais – *Família B e C* – são de origem egípcia e se diferenciam quanto à distribuição de contos.

* Mestranda do Programa de Língua, Literatura e Cultura Árabe da Universidade de São Paulo.

Os textos datam dos séculos XIII ao XIX, mas as questões acerca da data de sua elaboração e o local ainda são bastante controversas. O fato de *As Mil e Uma Noites* terem sido edificadas ao longo dos séculos por autores anônimos torna praticamente impossível, até os dias de hoje, o conhecimento exato acerca do local de nascimento da obra. O único ponto de convergência, entre os diversos estudiosos, é o fato de as histórias serem originárias do Oriente. No século XIX, orientalistas europeus realizaram longas discussões acerca da origem de *As Mil e Uma Noites*. Langlès (1814) defendeu a origem indiana, Hammer (1827 e 1839), a persa e a indiana e Silvestre de Sacy (1817 e 1829), a árabe. No final do século XIX, de Goeje, um orientalista holandês, sustentou uma tese que ressaltava a origem persa com elementos judaicos. Silvestre de Sacy considerou que as hipóteses da origem indiana e persa não foram apresentadas de maneira convincente, sustentando que *As mil e uma noites* eram uma obra árabe porque possuíam o “espírito e a concepção de mundo” muçulmanos. O autor ressaltou essa idéia esclarecendo elementos que perfazem o universo árabe: todos os personagens dos contos são muçulmanos; a maior parte dos acontecimentos se dá na região dos rios Tigre, Eufrates e Nilo; as ciências reais ou fantásticas são as mesmas de que os árabes se vangloriam; os gênios são da mitologia árabe; as religiões identificadas na obra são o Islamismo, o Cristianismo e o Judaísmo, além das referências a Moisés, David e Asaf, que eram desconhecidos na Pérsia e na Índia antes da introdução do Islamismo. Outro ponto importante levantado por De Sacy é o fato de que a história do Islã não recusa elementos de outras culturas, como observaram autores árabes do século X, ao identificar a interferência persa e indiana na produção literária árabe. Desse modo, os contos mileumanoitescos se constituem por um entrelaçamento dos saberes chinês, judaico-cristão, persa, indiano, árabe e até mesmo o grego, o que, porém, não interfere na óptica de mundo muçulmana do livro.

Os pesquisadores ainda hoje apontam entre as fontes mais longínquas de *As Mil e Uma Noites* uma obra de origem persa, chamada *Hazar afsán* – “mil mitos”. Da Pérsia e da Mesopotâmia (que hoje correspondem, respectivamente, ao Irã e ao Iraque), estima-se que as histórias seguiram para a Síria por meio de cópias, desprovidas das regras rigorosas às quais os livros canônicos estavam submetidos, mas foram difundidas, sobretudo, através do sistema oral. Os relatos dos contadores foram propagando o texto pelo Oriente, provocando na sua forma escrita modificações e adaptações na linguagem, de modo que a redação foi compondo-se por um dialeto árabe intermediário entre o urbano – para o qual

revela uma forte tendência – e o clássico – que permeia o texto durante o tempo todo –, como ressalta o tradutor Mamede Mustafa Jarouche¹.

Ademais, há referências concretas de um fragmento de manuscrito pertencente à primeira metade do século IX. O pesquisador iraquiano Muhsin Mahdi, à luz de demais estudiosos, propõe que este seria a primeira elaboração de *As Mil e Uma Noites*, compilado na cidade de Bagdá, no período da dinastia abássida. É possível ler, nesse fragmento, cerca de vinte linhas que constituem parte do “prólogo-moldura” – enredo que antecede as histórias contadas ao longo de um livro –, cujo conteúdo atém-se a uma personagem feminina chamada Chirazád que narra histórias junto com outra personagem chamada Dinazád; não é, entretanto, possível fazer uma única asserção sobre quais histórias eram narradas.

No tocante à própria obra, *As Mil e Uma Noites* prestigiam a arte de contar. No “prólogo-moldura” o encantador ofício de narrar é posto a lume por meio da personagem-narradora, a ardilosa filha do vizir, Chahrazád, que, para se salvar da ameaça de morte feita pelo próprio marido – o rei Chahriár –, conta-lhe todas as noites curiosas histórias. Entrelaçando seus contos pelos fios dos elementos mágicos, coloridos e plenos de calor, Chahrazád, a hábil contadora, encanta o rei todas as noites e mantém a curiosidade de seu senhor suspendendo o final da última história ao raiar do dia. O marido vai poupando-a da morte para ouvir, na próxima noite, o desfecho da narrativa interrompida, que é seguida de novas histórias surpreendentes... Não podemos esquecer que os próprios personagens dos contos de Chahrazád são também habilidosos contadores. O pescador, o gênio, o vizir, o mercador, o médico, a princesa, enfim, os mais variados integrantes das histórias sabem contar as alegrias e desventuras que permeiam suas vidas e dos que estão ao seu redor, revelando a nós, leitores, idéias e valores do mundo muçulmano, sua história e o imaginário popular entremeado de elementos fantásticos.

A voz concedida aos personagens para que contem as suas histórias acaba por construir uma complexa estrutura narrativa composta de contos inseridos no interior de outros contos que, por seu turno, são mantidos por um eixo condutor – edificado por Chahrazád, a exímia narradora da obra –, do qual partem e ao qual retornam as sucessivas histórias. O livro, que nos sugere a partir do próprio título a idéia de infinito, mais uma vez, agora pela sua complexa estrutura, nos conduz à imagem dos contornos espiralados de um campo sem limites, inesgotável, quase eterno.

1. JAROUCHE, M.M. O “prólogo-moldura” das *Mil e uma noites* no ramo egípcio antigo. *Tiraz: revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio*. USP. FFLCH. Departamento de Letras Orientais. São Paulo: Humanitas, 2004, ano I, vol. 1, pp 70-117.

As Mil e Uma Noites aportaram na Europa no século XVIII, mais especificamente na França – regida por uma literatura plena de normas, todas elas embasadas na concepção clássica de autores gregos e latinos –, por meio da tradução do orientalista Antoine Galland; a partir de então, iniciou-se um processo de difusão dessas narrativas no Ocidente, que, seduzido pelos encantos de uma literatura e de uma cultura bem diferentes da cristã, passou a produzir inúmeras obras inspiradas por essas histórias ao longo dos tempos que se seguiram.

Os primeiros tomos da versão francesa de Galland foram publicados no ano de 1704 e, durante os treze anos seguintes, ele completou a coleção dos contos com uma série de doze volumes. O orientalista baseou sua tradução num manuscrito árabe, datado do século XIV, pertencente ao grupo oriental, considerado o mais antigo das *Noites*. O manuscrito é constituído de três volumes e, hoje, encontra-se depositado na Biblioteca Nacional de Paris.

A partir da tradução do orientalista francês, surgiram outros tradutores, entre eles destacamos E. Lane (1839) e Burton (1885) em língua inglesa; Mardrus (1899-1904), René Khawam (década de 60), André Miquel e Jamel Eddine Bencheikh (década de 90), em língua francesa; Littmann (1921-1928), em alemão; Cansinos-Asséns (1955), em espanhol; e a primeira tradução em língua portuguesa por Mamede Mustafa Jarouche, cuja publicação foi iniciada em 2005. Embora a tradução de Galland tenha sido considerada, pelos orientalistas, infiel aos textos originais, “a pior de todas, a mais mentirosa e mais fraca”², para Borges, ela foi a “melhor lida”³ porque encantou, causou sensações de “assombro e felicidade”⁴ a quem sobre ela pôde se debruçar.

Não podemos deixar de lembrar que a versão de Galland foi a base para as traduções que se seguiram nos três séculos posteriores ao ano de sua publicação. A partir dela foram realizadas traduções nas mais diversas línguas no Ocidente e Oriente, além das adaptações para a literatura infanto-juvenil de A. Henri, na França, e dos irmãos Grimm, na Alemanha. O mundo conheceu, afeiçãoou-se e se encantou por *As Mil e Uma Noites* apresentadas por Galland e, ainda hoje, as histórias mais conhecidas descendem do primeiro tradutor francês.

Entre as várias acusações dirigidas a Galland, no tocante à infidelidade aos textos originais, está a de que o orientalista teria adaptado os contos ao gosto francês da época, além de ter acrescentado novas histórias ao livro. Entre elas estão as mais conhecidas, como “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, “Ali Babá

2. BORGES, J.L. *História da eternidade*. Rio de Janeiro: Globo, 1986. p. 77-95.

3. *Ibidem*, p.78.

4. *Ibidem*, p.78.

e os quarenta ladrões”, “Príncipe Ahmed e a fada Pari-Banu”, “Abu Hassam e o adormecido desperto” e “Aventura noturna de Harun Al Rachid”, que não constam no manuscrito que lhe serviu de base. Tais histórias são atribuídas ao maronita Hanna Diap, que, no contexto de uma viagem à França, divertiu o orientalista e demais ouvintes com suas fabulosas narrativas. Khawam, no entanto, sugeriu que tais contos pertenceriam ao acervo turco⁵. De qualquer maneira, o modo como as histórias passaram a pertencer à obra é uma discussão polêmica; nesse sentido, como sugere Borges, o traço característico da obra é a própria inexistência de um texto acabado⁶. Cada tradutor, no passado, no presente ou nos tempos que estão por vir, contribui com uma versão diferente, mesmo porque há o fato de os manuscritos possuírem origem diversa; além da própria particularidade das línguas, que, no ato da tradução, interfere significativamente na elaboração do sentido do texto, mais um motivo para que Borges observasse a existência de muitos livros chamados *As Mil e Uma Noites*⁷.

O livro trazido do Oriente por Antoine Galland inspira e instiga a criação de novas histórias e obras desde o momento de sua primeira publicação, na comedia França de Luís XIV. Pode-se até mesmo dizer que o romantismo despontava, timidamente, naqueles salões franceses do século XVIII, onde a leitura de *As Mil e Uma Noites* promovia a saída de um universo literário legislado, suscitando um imaginário liberto, tão valorizado e perseguido pelos autores românticos, tendência essa vivenciada até a atualidade. *As Mil e Uma Noites* foram fonte de inspiração para os autores do romantismo, que, na busca de elementos e lendas que identificassem as culturas nacionais, encontraram no livro árabe importantes referências: a figura do contador, os mitos, a religião e os valores morais presentes na obra. O reconhecimento da riqueza de *As Mil e Uma Noites* não ficou restrito aos autores românticos do século XIX. Ainda hoje é uma obra que inspira, desperta interesse, curiosidade e prazer naquele que nela se aventura.

5. Cf. NABHAN, N. N. *As mil e uma noites e o saber tradicional*. 1990. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990, p.68.

6. BORGES, J.L. *Sete noites*. São Paulo: Max Limonad, 1987, p.87.

7. *Ibidem*, p.87.